

O “NOVO PAPEL COMUNICATIVO” DO VITRAL NA SOCIEDADE ACTUAL

Teresa Almeida¹, Rosa Maria de Oliveira², João Aquino³

Abstract — *In medieval times stained glass worked as an illustrated bible to an illiterate society.*

In the twentieth century, with the development of science and technology glass became even more versatile widely spread and insuperable from our society. Today we see an increase in the materialization of art. The development of technology and art techniques is closely linked with scientific development and with cultural relationships between people. Today's stained glass has got a new status, a new communicative impact that assures its own place in contemporary art.

Stained glass isn't confined to sacred places any more, it works in public places such as court houses and hotels.

The message is essentially aesthetic, in some cases creating an atmosphere and adding value to the place, in others, providing enjoyment of the art and in these situations stained glass is exhibited independent of the architecture and seen as a work of art in itself.

Index Terms: contemporary stained glass, architectural glass, public places.

INTRODUÇÃO

A arte do vidro evoluiu ao longo dos séculos. Primeiro com formas simples, rudimentares, depois mais complexa, com mais valências e aplicações. Agora, mediática e inovadora, aberta à pesquisa e experimentação. Os avanços da ciência e as novas concepções estéticas, abriram fronteiras, oferecendo um mundo de possibilidades aos artistas, que em colaboração com os homens da ciência, estudam e transformam a “matéria transparente” em obra artística nunca vista.

A ideia de vitral está muitas vezes associada a pequenos fragmentos coloridos unidos por uma calha de chumbo que serviam como um ornamento nas catedrais góticas.

Tina Oldknow no seu recente livro *Contemporary Glass Sculptures and Panels. Selection from the Corning Museum of Glass* refere que nas peças escultóricas dos artistas contemporâneos Libenský e Brychtová estas actuam como um vitral, onde através do vidro colorido o espaço é transformado [1] Este conceito está representado nas obras

que estes artistas realizaram em 1990 para uma capela do século XII em Horšovský Týn compostas por um conjunto de sete vitrais utilizando a técnica de casting [2]. É uma obra feita de vidro e luz. As cores destas janelas respondem ao caminho traçado pelo sol no céu durante o percurso. As formas das peças permanecem imóveis, no sentido que se encontram confinadas ao espaço físico no qual se encontram: a janela. Mas conceptualmente é mutável, uma vez que as cores e a atmosfera geradas são diferentes ao longo do dia.

Contudo não é só nos espaços públicos que o vitral se encontra instalado. Hoje a sua diversidade é basta e o seu papel perante a sociedade alterou-se não se caracterizando apenas como uma ilustração de cenas da bíblia.

VITRAL CONTEMPORANEO NA EUROPA EM LOCAIS NÃO SAGRADOS

É no século XX que assistimos a um florescimento artístico da arte em vidro. Vários são os factores sócio-culturais permitiram esta mudança.

Com o avanço da ciência e da tecnologia, as conquistas do vidro evoluem dotando este material de novas possibilidades e melhores aplicações, estando por isso cada vez mais difundido e inseparável da nossa sociedade.

As grandes guerras foram factor determinante para que na Alemanha e França crescessem novos estúdios de vitral, dada a destruição operada em imensos edifícios, nomeadamente igrejas, catedrais, edifícios públicos e palácios, onde se encontravam inúmeros vitrais. Grandes pintores do século XX foram chamados a intervir numa operação de mudança que levou a presença da arte contemporânea aos locais sagrados, assinaladamente, nas catedrais onde os vitrais desapareceram. Estes artistas transferiram para o vitral a estética e simbologia das suas pinturas, nomeadamente George Braque, Fernand Léger, Georges Rouault e Henri Matisse [3] e sendo também responsáveis pelo reviver do vitral na Alemanha juntamente com os artistas Georg Meistermann, Ludwig Schaffrath e Johannes Schreier [4]. Estes artistas alemães produziram um vasto espólio quer o seu país quer além fronteiras. Pode-

¹ Teresa Almeida, Departamento de Comunicação e Arte, UA, Campos Santiago, 3810-193 Aveiro, Unidade de Investigação Vidro e Cerâmica para as Artes, UNL-FCT, Monte da Caparica, Portugal, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Av. Rodrigues de Freitas, Porto, teresalmeida@gmail.com

² Rosa Maria de Oliveira, Departamento de Comunicação e Arte, UA, Campos Santiago, 3810-193 Aveiro, Portugal, ID+Instituto de Investigação em Design, Média e Cultura Portugal, rosaoliv@ua.pt

³ João Aquino, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Av. Rodrigues de Freitas, Portugal, jaquino.antunes@gmail.com

se citar alguns exemplos nomeadamente: As janelas da Câmara Municipal de Wittlich, Câmara Municipal de Weisbaden e do Museu de Germanische de Meistermann, Os vitrais da estação de comboios de Omay, Japão de Schaffrath. Os vitrais de Shreiter no College of Art em Swansea, Uk de 1980, e doze vitrais para a biblioteca do Royal Hospital em Whitechapel, Londres em 1998.

A partir da segunda guerra mundial, em toda a Europa assistimos a um movimento de expansão da arte em vidro, em edifícios de arte pública e com a criação de escolas especializadas, galerias, museus, pequenas oficinas artesanais, etc. numa relação determinante entre a sociedade e a cultura, na forma de ser e estar, através desta arte.

Brian Clarke é um artista que explica o vitral na arquitectura em lugares não sagrados. O seu trabalho Victoria Quarter (1989) em Leeds, UK, (figura 1) caracteriza-se por uma estrutura de vidro que cobre uma área comercial com 747m² [5]. Um dos grandes projectos deste artista é sem dúvida o que realizou para o hipódromo de Ascot em Grandstand em 2007 [6]

Muitos são os artistas que realizam obras de vitrais contemporâneos que nada estão relacionados com a religião. Entre eles encontram-se Alexander Beleschenko, que criou para o Birmingham International convention centre em 1991 um vitral onde se vê a impressão sobre vidro, Patrick Heron, que realizou em 1994 um vitral para a galeria Tate em St. Ives, Uk, Amber Hiscott, que realizou vitrais para o teatro (Royal Exchange Theatre) de Bristol em 1998, os vitrais para os hospitais Glan Clwyd no País de Gales em 2001 e no ano seguinte para o Great Western em Swindon, em Inglaterra. E ainda Catrin Jones, que realizou os vitrais para o teatro de Lyceum em 1990 em Sheffield, em 1995 para a biblioteca de Sunderland e também para o hospital de Bristol em 2000.



FIGURA. 1

BRIAN CLARKE, VICTORIA QUARTER, 1989, LEEDS, UK

VITRAL EM PORTUGAL, EM ESPAÇOS NÃO RELIGIOSOS

Em Portugal existem vários exemplos de vitrais contemporâneos fora dos locais sagrados. Uma vez que é uma tecnologia com requisitos técnicos específicos e de difícil execução, encontramos sempre associados ao artista criador o executante de vitral, ou a oficina especializada.

A maior parte dos artistas criadores que assinam vitrais fazem os estudos, os chamados *cartões*, que depois são ampliados transpostos e executados em vidro por artesãos, com oficinas mais ou menos especializadas. Em Lisboa, a oficina de Ricardo Leone desempenhou esse papel trabalhando para pintores e executando vitrais. Montada em 1904 por Cláudio Martins no Monte Agudo setecentista da Real Fábrica das Sedas. Em 1913 a oficina passa para o seu discípulo Ricardo Leone, que toma o comando definitivo da mesma em 1920. Com esta nova orientação trabalharam os pintores Conceição Silva, Mário Costa e José Mendes, e grandes nomes como, Almada Negreiros, Abel Manta, Jorge Barradas e Lino António fizeram nesta oficina os seus *cartões* para vários vitrais. Os seus trabalhos encontram-se distribuídos por todo o país, mas também nas antigas colónias, nomeadamente Angola, Moçambique e Guiné. O período áureo desta oficina foi entre os anos 20 e 40. Nesta altura Ricardo Leone vê os seus trabalhos serem distinguidos com os prémios, medalha de ouro de Milão (1920), o Grande Prémio do Rio de Janeiro (1923) e o Grande Prémio de Sevilha (1929). Em 1933 realiza, com cartão de Abel Manta, o grande vitral para o Instituto Nacional de Estatística, e em 1936, com cartão de Almada Negreiros os vitrais da Igreja da Nossa Senhora de Fátima em Lisboa [7]. Em 1971 Ricardo Leone morre e a oficina vitalista cessa a sua actividade, passando a pertencer ao Ministério da Educação, que a obtém em leilão em 1975.

Por vezes, e devido a circunstâncias especiais e raras, vemos conciliado numa só pessoa estas várias capacidades, como é o caso do pintor João Aquino Antunes, que aprendeu na oficina de vitral de seu pai, que por sua vez tinha recebido a especialidade nas oficinas de seu pai, e todas as técnicas desta sofisticada expressão pictórica. Professor da cadeira de Vitral e Mosaico na Faculdade de Belas Artes do Porto até 2009, tem realizado uma abundante e importante obra nesta área, nitidamente a mais volumosa existente em Portugal atribuída a um só artista. Realizou já vitrais não só para locais religiosos, mas também para residências particulares espalhadas de norte ao sul de País. Curiosamente as mais recentes foram realizadas em Portugal mas para residências nos estados de Massachusetts (1969) e Connecticut (2000). Já em 2007, realizou uma cúpula monumental em vitral, com cinco metros de diâmetro por oito metros de altura, para o centro clínico de Coimbra em Espadaneira, (figura 2). As formas abstractas definidas pela calha de chumbo e a cor são utilizadas para compor esta magnífica obra.



FIGURA. 2
CENTRO CLÍNICO DE COIMBRA, JOÃO AQUINO, 3007

De entre os trabalhos realizados em vitrais não religiosos é importante mencionar o vitral intitulado “Eros e Psique” de Almada Negreiros realizado em 1954 para uma residência particular em Lisboa, que se encontra hoje nas coleções da Assembleia da República [8].

Em 1959, Manuel Cargaleiro realizou para o Bloco das Águas Livres nas Amoreiras um vitral não convencional, que possuiu formas plásticas e estéticas contemporâneas com numa linguagem abstraccionista, que não era edificado numa janela. Encontrava-se suspenso no ar, como uma “cortina colorida e transparente sobre a paisagem; nele é também inaugurado uma linguagem puramente abstraccionista” [9] no vitral. Posteriormente foi deslocado para a sede da companhia de seguros da Fidelidade, promotora da obra.

O Ministério da Justiça, a partir dos anos 50 começou a fazer várias encomendas de vitrais a artistas plásticos portugueses para os tribunais portugueses. Assim, António Lino foi um desses artistas, realizando em 1953 os vitrais para o Tribunal da Guarda. António Coelho Figueiredo também realizou vários cartões para os palácios

da justiça portugueses, nomeadamente: tribunal de Viana do Castelo em 1959, Alijó 1966, e os cartões para os vitrais do Tribunal de Fafe em 1968 (figura 3). Este último vitral encontra-se ao cimo das escadas na entrada do edifício. Os temas representados caracterizam-se por figuras alusivas à justiça. São figuras femininas, esbeltas pintadas com grisalhas detentoras de uma imponência marcante. A obra encontra-se na entrada do edifício, no primeiro vão das escadas, parecendo majestosa à contemplação daqueles que a vêem. Nestes trabalhos vemos a técnica da grisalhas bem executada, nos panejamentos, nos rostos das jovens mulheres. Rostos esses que parecem ausentes do espaço e do tempo, possuidores de uma serenidade e por vezes uma certa melancolia. As cores frias e neutras dominam a composição formal do conjunto de vitrais.



FIGURA. 3
TRIBUNAL DE FAFE, ANTÓNIO COELHO FIGUEIREDO, 1963

O artista Carlos Calvet também realizou vitrais para o Tribunal de Contas no Terreiro do Paço em Lisboa, que estão colocados no tecto e onde os motivos utilizados são referentes à justiça.

Guilherme Camarinha desenhou, nos anos 60, cartões para vários vitrais nos tribunais do norte do País nomeadamente, para o Tribunal de Vila Nova de Famalicão em 1961 e de Amarante em 1963.

Amândio Silva realizou em 1966, para a Câmara Municipal de Fafe, um vitral com luz interior, de temática populista, onde se vêem representados os temas rurais característicos desta região.

Eduardo Nery em 2001/02 realizou para a Câmara Municipal de Barcelos vitrais onde criou efeitos ópticos luminosos, através de um padrão de cores com formas geométricas (figura 4) aos quais Sérgio Vieira chamou de “ilusório continuum serpentrado” [10]. Na realidade a obra de Eduardo Nery caracteriza-se por uma linguagem

geométrica um certo orfismo, onde círculos de cores entrelaçam uns com os outros. A simbologia é um factor marcante nas suas obras.

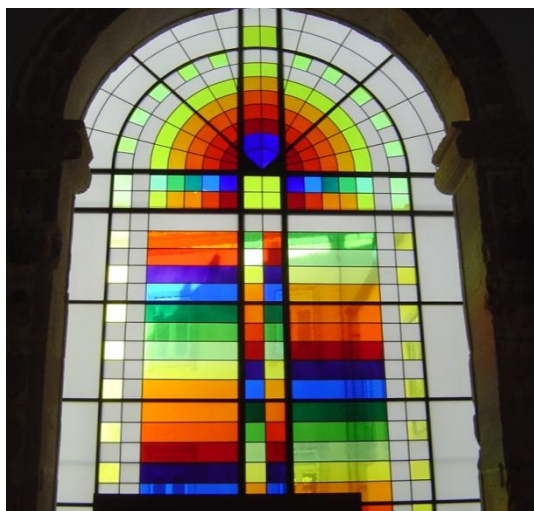


FIGURA. 4
CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS, EDUARDO NERY, 2001/02

VIDRO E COR: UM VITRAL CONTEMPORÂNEO

Este contributo tem como base o trabalho de doutoramento da autora onde se pretende estudar o vidro como material plástico na concretização de obras numa linguagem plástica actual.

O vidro é dotado de características especiais como a transparência, luminosidade, cor, translucidez e opacidade que o tornam único e peculiar, fascinando aqueles que trabalham com ele. Por isso, nesta investigação e nos trabalhos produzidos, procura-se explorar as qualidades estéticas resultantes das especificidades plásticas características deste material.

Um dos objectivos principais consiste no estudo pormenorizado do vidro *sonoro superior*, produzido em Portugal, mais concretamente nas instalações do CRISFORM, e a sua aplicação na concepção de peças de arte contemporânea, recorrendo a técnicas inovadoras, usando novos materiais, nomeadamente vidros luminescentes e explorando as propriedades luminosas e cromáticas no vidro na sua aplicação artística.

Neste sentido estão a ser desenvolvidos trabalhos tridimensionais de cariz escultórico, instalações com luz e também obras com um carácter bidimensional, que serão exibidos em exposições de museus e galerias. Estas obras são muitas vezes integradas em suportes concebidos para que lhes conferirem uma aparência simultaneamente

escultória e de um quadro colorido, reportando-as para o campo do vitral, onde este adquire novas valências.

TRABALHOS PRÁTICOS NO ÂMBITO DO DOUTORAMENTO

Os trabalhos realizados no âmbito do doutoramento da autora foram desprovidos de significado religioso de uma maneira consciente. A sua aplicação está associada às Artes Plásticas, onde os locais de apresentação são a galeria e os espaços públicos não sagrados. Pretende-se que o vidro seja um material plástico esteticamente usado como um meio de expressão artística.

Aqui são apresentados dois exemplos das obras produzidas.

1- “**Little cells, a window into the floor...**” (figura 5) esteve patente na exposição Glashart, Fort Vuren, Holanda de 11 Julho a 31 Agosto de 2009. Esta obra por trinta e seis módulos que se reagrupam num conjunto de peças, formando uma composição. Procura-se uma reunião harmoniosa das silhuetas das formas, dos ritmos e afinidades entre os vários elementos constituintes.

“ Um dos actos essenciais da criação artística, aquele que confere à obra uma existência própria e faz dela um organismo estabelecido, é a composição. Quer nasça do equilíbrio das linhas, das formas, das cores, dos volumes, da unidade do pensamento orientador ou da sensibilidade animadora, a composição domina sempre a diversidade agitada e confusa de que o artista partiu”. [11]

Cada peça é um ser singular, único, contudo é na integração com as outras peças que a obra final adquire a sua vivacidade e organização, a sua composição formal.

Na idealização das peças, estas são concebidas para operarem entre si e totalizarem um conjunto final, estabelecendo uma composição modular. A peça por si só, única, remete para a ideia de solidão e isolamento. Juntando-as numa composição formada por módulos, onde cada peça representa um módulo respectivo, integrante e essencial para a idealização da obra final, pretende-se que a ideia de solidão se desvaneça.

O espaço que as partes ocupam é fundamental para compreender o conceito total da obra e caracteriza-se pela concepção da composição. As relações criadas entre o vazio e as peças, a projecção das sombras e as texturas produzidas no seu conjunto todos são factores fundamentais para estética final. O pequeno formato dos módulos, 20x20cm, remete-nos para o tamanho dos azulejos e permite que exista uma composição cromática, remetendo para uma janela colorida, que ao contrário do usual não é colocada numa parede mas sim no chão de uma galeria, criando já uma ligação para um vitral contemporâneo, Cada elemento

modular tem apenas uma cor, contudo através da diferença de espessura, das texturas produzidas no vidro, conseguimos obter diferentes tonalidades em cada um dos elementos.



FIGURA. 5

TERESA ALMEIDA, "LITTLE CELLS, A WINDOW INTO THE FLOOR....", 37
PEÇAS DE 20X20X2CM, CASTING, 2009

2- "**Janela suspensa**" é uma peça com 1.30m de altura, e esteve patente na exposição *pop up shop, Choose glass week* em Bruxelas, em Setembro de 2009. É um exemplo de um vitral que não se encontra confinado à limitação de um espaço. A peça vive por si, só funcionando como uma janela pendente, criando espaços virtuais.

Aqui procurou-se utilizar vidros com apenas uma cor, mas também com nuances de cor mais escura e mais claro, com a intenção de criar efeitos cromáticos na peça (figura 6), pintando a peça como um quadro, criando pequenas pinceladas vigorosas no vidro.



FIGURA. 3

TERESA ALMEIDA – "JANELA SUSPENSA", 130X62X4CM, CASTING, 2009

AGRADECIMENTOS

Ao Crisform, por todo o apoio proporcionado na realização da concepção de peças e ao Eng. Sidónio e Silva, Eng. Célia Gomes pela orientação dada; ao Prof. Doutor Pires de Matos, coordenador da Unidade de Investigação "Vidro e Cerâmica para as artes", (www.vicarte.org) que orienta e apoia os projectos que estou a desenvolver um especial agradecimento e também ao artista José Figueiredo pela ajuda preciosa. À Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) pelo apoio financeiro SFRH / BD / 30684 / 2006.

REFERÊNCIAS

- [1] Oldknow, T, *Contemporary Glass Sculptures and Panels. Selection from the Corning Museum of Glass*, Corning Museum of Glass in association with Hudson Hills Press, New York; 2008; pp 42,43
- [2] Kehlmann, R; *The inner light Sculpture by Stanislav Libenský & Jaroslava Brychotova*, Museum of Glass: International Center for Contemporary, Tacoma in association with University of Washington Press; 2002, China
- [3] Greff, J-P; *Le vitrail au XX^e siècle: éclats et eclipses" in "architecture de lumière vitraux D'artistes 1975-2000;* 2000; pp32-38
- [4] Fuller, K. B.; *Contemporary stained glass artist. A selection of artists worldwide*, A&C Black Publishers Ltd, London; 2006
- [5] *Brian Clarke-architectural artist*, Academy Editions; 1994, pp 50-59
- [6] Moor, Andrew; *colours of architecture. Coloured glass in contemporary buildings*, Mitchell Beazley, 2006, 102,103
- [7] Ferraz D. F.; "A oficina de Ricardo Leone" in "O vitral- história, Conservação e Restauro", Lisboa, IPPAR, 2000, p86-93
- [8] Mourão C., "Contributo para análise iconográfica de um vitral de Almada Negreiros", in *Revista de História da Arte*, n°3, 2007, Instituto de História de Arte- Faculdade de Ciências sociais e Humanas- UNL, edições colibri, 268-279
- [9] Santos, R. A., "Apontamentos para a história do vitral no século xx" in "O vitral- história, Conservação e Restauro", Lisboa, IPPAR, 2000, p 68-85
- [10] Vieira, S., "Nery: A inefável geometricidade da luz colorida", in *Eduardo Nery, Exposição Retrospectiva Tapeçaria, Azulejo, Mosaico, Vitrail [1961-2003]*, catalogo, IPM 2003, p 45-53.
- [11] Huyghe, R.; *O poder da imagem*, edições 70, 1998, p 15